

ENTRE APARIÇÕES E ENCANTAMENTOS: A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO POPULAR PIRANHENSE (1930-1950)

Danilo de Sousa Cezário¹

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar a formação de um imaginário histórico-cultural em torno das “botijas” na cidade de São José de Piranhas, localizado na mesorregião do Sertão Paraibano, na microrregião de Cajazeiras, entre as décadas de 1930 e 1950. Tal localidade ficou bastante conhecida por inúmeros fatos que ocorreram no desenrolar da primeira metade do século XX. Durante anos, as produções históricas sobre a cidade de São José de Piranhas estiveram voltadas para a vida política dos grandes homens, feitos e fatos, deixando à mercê as narrativas históricas sobre a cultura, o imaginário e as vivências do povo piranhense. Percebendo a ausência de tais produções, ao ingressar no Curso de História da UFCG-CFP - e com o incentivo dos professores das disciplinas de Projeto de Pesquisa-, vislumbrou-se que tais narrativas poderiam e deveriam ser inseridas nessa construção e valorização de um imaginário cultural sobre as vivências do povo piranhense. Passamos então, a pesquisar e colher depoimentos sobre as particularidades da população.

INTRODUÇÃO

Dentre tais particularidades narradas ao entardecer nas calçadas das casas ou até mesmo nos dias de segunda-feira – dia marcado pela feira livre semanal podemos destacar: a transferência da antiga urbe para a nova Sede da cidade – o então Sítio Jatobá-, a passagem do Cangaceiro Lampião nas terras piranhenses², as histórias de trancoso³ e, com bem mais ênfase, as aparições de botijas⁴, que por sua vez, estavam interligados aos fatos supracitados.

De todos os depoimentos colhidos, os mais marcantes, e que aguçavam bem mais o imaginário, são as práticas de entesouramento de bens pessoais, um fenômeno popularmente conhecido como botijas. Em seu livro *Dicionário do folclore brasileiro*, Câmara Cascudo relata que botijas são recipientes que “eram curtas, bojudas, com uma asa” (CASCUDO, 1998, p. 181). Assim, esses potes oriundos da Europa, que foram trazidos pelos imigrantes para o Brasil, foram durante muito tempo, usados para enterrar os bens materiais e sentimentais das pessoas com o intuito de não perder/ser roubado ou não gastar.

Neste sentido, percebe-se que o imaginário piranhense sempre esteve cercado por inúmeras credices e superstições. Tais peripécias se acentuaram ainda mais a partir dos anos 30, quando a população piranhense vivenciou um dos eventos mais marcantes de sua história, a transferência da sede da cidade para outra localidade. O primeiro e único motivo para esta

¹ Mestrando em Educação pela UNINTER; Especialista em Ensino de História, EJA e Psicopedagogia; Professor estadual e municipal na cidade de São José de Piranhas.

² Na cidade de São José de Piranhas, o cangaço repercutiu de maneira pouco expressiva devido a pouca acessibilidade dos moradores da cidade às fontes de informações e jornalísticas, como também pela rápida passagem do grupo pelas terras piranhenses, ocorrida nos dias 25 e 26 de outubro de 1925 (CEZÁRIO, 2014, p. 48).

³ Trancoso vem de troncoso, lugar de troncos. Houve um escritor português, colecionador de contos que tinha por sobrenome Trancoso. Trancoso teve uma evolução semântica e incluía contos fantásticos, fábulas. A semântica explica. Hoje em dia história de trancoso é algo irreal, fábula, algo lendário. Muitos contos infantis são classificados como histórias de trancoso. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/trancoso/>>. Acesso em: 18 nov. 2013.

⁴ Botijas são tesouros – seja ouro, prata, moedas, jóias – enterrados por seu proprietário. Com o passar dos anos, essa pessoa vem a falecer e, conforme a crença popular, sua alma ficaria penando no purgatório (CEZÁRIO, 2014, p. 11).

transferência seria a construção de um açude, o Engenheiro Ávidos, popularmente conhecido como Boqueirão de Piranhas. Este foi um dos momentos mais melodramáticos e marcantes da jovem São José de Piranhas - sim, jovem, pois no ano de sua transferência a cidade completaria 51 anos de emancipação política-, afetando profundamente sua rotina da cidade.

Por um lado, a construção do açude traria fertilidade para a região seca e com poucas chuvas, matando a sede de milhares de pessoas. Por outro, a transferência da sede municipal para outra localidade, o então sítio Jatobá, causaria um enorme transtorno social e político, modificando totalmente a rotina dos moradores e deixando marcas irreparáveis até os dias atuais.

Segundo Messias Ferreira de Lima (2010), São José de Piranhas foi a primeira cidade do Nordeste a ter toda sua sede transferida para outra localidade, por causa da construção de um açude. A cidade que estava em pleno desenvolvimento econômico, social e político, teria que ser reerguida novamente, seria um recomeço, novos tempos... Todas as décadas de histórias vividas passariam a estar presentes somente nas memórias dos antigos moradores. Os cenários dos romances nas praças, dos casamentos e batizados na Igreja, das conversas paralelas nas calçadas ficariam só na lembrança, assim como seus maiores bens materiais e suas casas passariam a estar submersos pelas águas do Boqueirão de Piranhas.

Mediante o deslocamento da cidade, nem tudo pode ser levado/transferido para a nova localidade. Na antiga São José ficaram memórias, histórias, lembranças e o mais curioso de tudo, tesouros enterrados. Normalmente, quando falamos em tesouros, o imaginário que se formula no nosso pensamento é repleto de ouro, prata e dinheiro, porém, no caso de São José de Piranhas, além de suas casas e terras, a população deixou para trás tesouros enterrados, que, necessariamente não seriam ouro, prata ou dinheiro. Estamos aqui falando de bens materiais que financeiramente não valeriam muito, contudo, possuíam um enorme valor sentimental.

A transferência da cidade não foi nada agradável, como também, não ocorreu de maneira rápida. Com a ajuda dos vizinhos, familiares e amigos, aos poucos os pertences de casa foram sendo deslocados em carroças de boi e jumentos, estes, foram os veículos utilizados para a dolorosa travessia. A esse respeito, Dona Leocádia Cavalcanti nos afirma que:

Foi uma cena triste, aquela multidão de gente. E o povo saíram tudim para São José de Piranhas – Sítio Jatobá -, só tinha queixa. Aí foram carregando para a igreja [os móveis e bens de valor], para a nova cidade. Só que era assim, Seu Pedro, Juca, Leo e Candinha e [Antônio Joca], eram essas pessoas (CAVALCANTI, 2010).

Mulheres, crianças e idosos foram caminhando a pé, cantando, rezando e outros, grande maioria, chorando. Sobre esse episódio, a senhora Leocádia Cavalcanti nos rememora que:

Nois vinhemo tudo de pé para São José [nova sede], as estradas cheia de gente. Vinhemo tudo chorando, eu chorava, tudo de pé para São José. Chorava porque nós ia sair da [Vila] São José [...] Lá era terra boa de morar. Do lageiro via assim, uma cachoeira era bem pertim de nossa casa (CAVALCANTI, 2010).

Chegando a localidade da nova cidade, todos teriam que recomeçar do zero, reconstruir não somente suas moradias, comércio, igrejas, praças, além disso reconstruir suas esperanças que, na antiga cidade foram inundadas pelas águas do Boqueirão de Piranhas.

Todo esse episódio narrado acima foi ocorrido durante a década de 1930. Quase vinte anos depois da transferência, muitas pessoas que moravam na antiga São José de Piranhas foram morar em outras cidades como Cajazeiras, Sousa, Campina Grande e João pessoa, outras, já haviam morrido.

A rotina da cidade estava indo muito bem, até que começaram a surgir algumas aparições de almas dos antigos moradores. Isso se dava por merecimento. Eram visões que

perturbavam as mentes das pessoas, junto com as aparições, vieram também remossos e recordações da antiga São José, eram lembranças de pessoas em forma de alma que marcaram a vivência da antiga urbe em forma de alma. A população esperava tudo, menos essas aparições.

O que surpreendeu a população foi o fato dessas almas precisarem deles para serem libertadas. Tais aparições ao mesmo tempo em que causavam medo e curiosidade, causavam também ganância.

Uma das primeiras aparições foram para as Senhoras Maria de Jesus e Maria Iraci de Oliveira, duas mulheres simples, honestas, trabalhadoras e acima de tudo, não avarentas. Essas eram algumas das condições para que a alma pudesse entregar o seu tesouro para os merecedores. Sobre tais aparições de almas e supostas botijas, a Senhora Oliveira nos narra que:

Onde tem muita botija é lá no açude do boqueirão, onde enterraram e a água cobriu, as águas cobriram as casas, e pronto! Quem tinha os dinheiros enterrados à água acabou... Então as aparições [de almas] para esse povo que agora mora aqui em São José de Piranhas começou. Mais esse povo que vê essas almas é o mesmo povo que morava lá antigamente (OLIVEIRA, 2010).

Mesmo rodeadas de tensões sociais, emocionais, políticas e sociais por conta da transferência da cidade, essas pessoas merecedoras estavam envolvidas com um misto de esperança e desilusão. Eles tinham como missão realizar todo um processo de desencantamento para libertar a alma que estava a penar dos inúmeros grilhões que a circundavam.

Durante o processo de desentesouramento tudo poderia acontecer, desde a aparição de bichos de sete cabeças, almas, gritos a maldições, segundo nossos “rememoradores”, são todas coisas do outro mundo. Algumas pessoas, como foi o caso da Dona Maria de Jesus, levaram alguns objetos sacramentais como velas, crucifixos e água benta para a realização do ritual.

Quando os bixos aparecia não adiantava mais requerer não! Agora tinha que enfrentar. Era muita coisa eu mal olhava, fiquei com medo. Muito medo. E é porque eu levei vela, crucifixos e água benta, rsrs. O medo era grande. Também maios ainda era os bichos. Avé Maria (JESUS, 2008).

Cada pessoa seguia um ritual, uma maneira bem particular para afastar todos os empecilhos que poderiam atrasar ou afastar a botija. Nesse sentido, a historiadora Maria da Paz Medeiros Dantas relata que, segundo seus “rememoradores”, para arrancar a botija é necessário:

Ir bem preparado: levar terço, vela, cordão de São Francisco a fim de afastar a assombração – o demônio, que faz de tudo para evitar que a mesma seja extraída, pois não deseja a salvação da alma. [...] Assim, a alma ficaria presa para todo o sempre no purgatório (2005, p.278).

Segundo a autora, a alma estaria trocando sua salvação pela botija, só que nem toda pessoa queria enfrentar os tormentos do desencantamento da botija. No cordel “*O tormento de Mirinha com as botijas*” da escritora Inajara Moraes (2009), este fato também fica bem elucidado, vejamos:

Aquela alma que vira
Pedia que fosse ajudada
Trocava a sua salvação
Pela Botija doada
Só dependia de Mirinha
Que tremia feito varinha
Chorava desconsolada

Se o merecedor da botija não seguir o ritual conforme o exigido, a botija se transformaria toda em besouros, barro ou sumiria.

Segundo nossos rememoradores, teria um motivo notável para cada botija enterrada. Uns contam que seria por falta de entidades bancárias, por medo de perder seus bens para os cangaceiros e desordeiros que circundavam a região, e outros, por mera avareza mesmo.

O trabalho do merecedor da botija seria um entanto complicado, além de achar o local exato, passar por várias aprovações, fazer um ritual de desenterramento, libertar a alma que estava a penar, ainda teria que achar um meio para desenterrar os tesouros que estariam submersos pelas águas do boqueirão de piranhas. Sobre isso, nos relata o Sr. Zé Profiro:

Quando a gente se depara com a boquinha da botija, pode se preparar nego vei. É coisa se sete cabeça. Se não fizer direito a alma do dono da botija não se liberta. Isso tudo é aprovações. É coisa, rrsrs. Agora, as botijas de piranhas velha tão difícil de ser desenterrada. Cuma é que vai fazer isso? Se a água tomou conta de tudo. É luta (PROFIRO, 2015).

Mediante todo esse enredo amedrontador, ainda tiveram algumas pessoas corajosas que tentaram ir desenterrar as botijas. Tais pessoas utilizavam dos artifícios das pescarias nas madrugadas para tentarem achar os tesouros e mudar de vida completamente. Segundo nossos rememoradores, inúmeras foram as tentativas frustradas – que se espalharam por boatos na região – de desenterrarem as botijas. Em detalhes ao assunto explanado, o Sr. Zé Profiro continua:

O povo conta. E os comentários é esse. Que muita gente, os pescadores da colônia daqui de Piranhas Velha tenta e é muito achar essas botijas. Mais home, num acha é nunca, rrsrs. Olhe, e vou te dizer. Tem gente que fala assim: Quando as águas baixarem dá para arrancar a botija. Ta tudo em baixo dos tijolos. Que história, ninguém nunca viu um home fazer isso (PROFIRO, 2015).

A cada depoimento, percebe-se que as possibilidades para a então “solução” das botijas vão surgindo e, conseqüentemente, sendo desconstruídas por falta de provas – que então, seriam os boatos boca a boca da população da localidade. Assim, surgem as perguntas: mesmo com o recuo das águas do Boqueirão de Piranhas ninguém teria conseguido desenterrar uma botija se quer? Qual seria o verdadeiro mistério das botijas de Piranhas Velha?

A resposta para estas e outras perguntas são cenas para outras narrativas. Se foram desenterradas ou não, não sabemos ainda. O que sabemos -segundo nossas pesquisas e entrelações de outros depoimentos sobre botijas- é que quando uma botija é desenterrada com sucesso o grande sortudo da vez não pode jamais contar a peripécia para outra pessoa. Tendo que até mesmo, mudar-se de cidade.

Destarte, as botijas perpassam pelos meios culturais, representativos, imagináveis, memoriáveis e subjetivos, abrindo novos olhares para a consolidação de uma corrente historiográfica relativamente nova. Sobre isso, Sandra Jaty pesavento nos relata que:

Cultura, representação, imaginário, sensibilidades, memória e subjetividade, em associação com uma atitude hermenêutica, são, pois, conceitos de que se apropriam os investidores do passado no terreno da cultura, os quais, nesses últimos vinte anos, construíram uma corrente historiográfica consolidada (PESAVENTO, 2008, p. 52-53).

Toda cultura produzida pela sociedade piranhense, estaria dentro desse novo campo de pesquisa, sendo alvo de discussões e diálogos, deixando de ser somente um fato, para ser transformado em um evento memorável nas produções historiográficas. São José de Piranhas

tomou destaque regionalmente por ser uma das cidades com grandes índices de aparições de botijas no Sertão Paraibano.

Através da importância que o Historiador dá a tais narrativas, as histórias de botijas vão deixando de ser apenas fatos e tornando-se eventos, deixando-se de ser apenas discursos orais contados nas calçadas e nos tabuleiros dos sítios pelos mais velhos e foram fortalecendo-se cada vez mais nos discursos acadêmicos sobre o imaginário popular. Assim, a cultura não “estaria apenas nos artefatos, mas também em hábitos, valores e comportamentos que precisavam ser apreendidos pela observação e registrados” (Barbosa; Cunha, 2006, p. 12).

REFERÊNCIAS

ALBERT, Vieira. **Manual de História Oral**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

BARBOSA, Andréa; CUNHA, Edgar Teodoro da. **Antropologia e imagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASCUDO, Luiz da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

CEZÁRIO, Danilo de Sousa. **São José das Botijas ou as Botijas de Piranhas: a formação de um imaginário Histórico-Cultural no Sertão Paraibano (São José de Piranhas, 1930-1950)**. 2014. 66p. (Graduação em História), Universidade federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2014.

CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

DANTAS, Maria da Paz Medeiros. Desvendando o saber popular: histórias e crendices contadas pelos carnaubenses. In: MNEME – Revista do departamento de História e Geografia/UFRN, Caicó, V. 7. N. 18, out/nove. De 2005. P. 273-294. Disponível em: <www.cerescaico.ufrn.mneme>. Acesso em: 10 abr. 2015.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LIMA, Messias Ferreira. **São José de Piranhas: um pouco de sua história**. Cajazeiras: Editora Real, 2010.

LÓSSIO, Rúbia. **Dicionário do Folclore Brasileiro para estudantes**. Disponível em: <<http://www.soutomaior.eti.br/mario/paginas/dicionario.htm>>. Acesso em: 16 mai. 2016.

MORAIS, Inajara. **O tormento de Mirinha com as botijas**. Xilogravura. Disponível em: <<http://ncordel.blogspot.com.br/>>. Acesso em: Acesso em: 16 mai. 2016.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 53, jan/jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000100002>. Acesso em: 12 mar.2013.

_____. **Cultura e representações, uma trajetória.** Disponível em:
<www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/31549/000632033.pdf?sequence=1>. Acesso em: 07 mar. 2013.

FONTES

CAVALCANTI, Leocádia. **Entrevista concedida ao autor.** João Pessoa. 10 de fevereiro de 2010.

PROFIRO, José Matias. **Entrevista concedida ao autor.** São José de Piranhas. 16 de fevereiro de 2014.

INÁCIO, Maria de Fátima. **Entrevista concedida ao autor.** São José de Piranhas. 10 de fevereiro de 2014.

JESUS, Maria Monteiro de. **Entrevista concedida a Sra. Maria Lourdes Sousa.** São José de Piranhas. 25 de Dezembro de 2008. Transcrita por **Danilo de Sousa Cezário.**

OLIVEIRA, Maria Iraci de. **Entrevista concedida ao autor.** São José de Piranhas. 16 de Junho de 2010.